

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO – PREG - UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

Breno de Souza Maceda

Memória e Identidade Cultural:

O Clube Bahia do Socorro na Construção da Identidade Socorrense

Teresina – 2023

Breno de Souza Maceda

Memória e Identidade Cultural:

O Clube Bahia do Socorro na Construção da Identidade Socorrense

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Licenciatura Plena em História da Universidade
Estadual do Piauí de Teresina-PI, para obtenção do
título de licenciado em História.

Teresina – 2023

AGRADECIMENTOS

Em um instante como este, em que se encerra uma jornada repleta de aprendizados, desafios e superações, é impossível não erguer um olhar grato àqueles que, de maneiras diversas, foram os pilares e os ventos que impulsionaram este barco rumo ao horizonte da realização. Este texto não é apenas um gesto de reconhecimento, mas uma oferenda poética a cada alma que, com afeto e generosidade, construiu comigo os alicerces deste sonho.

À minha mãe, Francilene Maceda, dedico o mais profundo dos meus agradecimentos. Mãe, foste o alicerce de tudo. Teu amor e teu apoio incondicional, que me cercaram em cada etapa deste percurso, foram como um farol na tempestade. Tu foste mais do que uma mãe: foste amiga, confidente, conselheira e suporte. A cada palavra de encorajamento, a cada esforço, mesmo nos momentos mais difíceis, mostravas que acreditavas em mim. Teu amor transcende qualquer barreira, e por isso, esta conquista é tanto tua quanto minha.

Ao meu pai, Nilton Maceda, meu respeito e gratidão eternos. Pai, teu amor manifestou-se em cada gesto, em cada ensinamento, em cada palavra que trazia consigo o peso da sabedoria de quem ama profundamente. Guiaste-me com firmeza, mas também com ternura, e ensinaste-me que a verdadeira força reside no equilíbrio entre o sonho e a responsabilidade. Por tudo o que fizeste, e por tudo o que representas, serei eternamente grato.

Tia Lene, a quem carinhosamente chamo de segunda mãe, meu coração transborda gratidão. Tua presença constante, teu carinho e tua dedicação foram fundamentais para que eu pudesse trilhar este caminho. Em momentos de dúvida ou dificuldade, foste uma âncora que me manteve firme e sereno. Sem ti, este percurso seria infinitamente mais árduo, e esta vitória carrega teu nome em cada passo.

Ao meu irmão Nelson Maceda, que sempre acreditou em mim com uma fé inabalável, meu muito obrigado. Teu apoio foi como um eco que ressoava dentro de mim, lembrando-me de que eu era capaz, mesmo quando as dúvidas tentavam me paralisar. A confiança que depositaste em mim foi combustível para minhas conquistas e uma força que jamais esquecerei.

Minha irmã Gabi e meu sobrinho Bernardo, que iluminam minha vida com seu amor e alegria, deixo aqui minha gratidão sincera. Vocês são partes do meu coração que caminham fora de mim, e saber que tenho vocês comigo é uma dádiva que

transcende palavras. O sorriso de Bernardo e o amor de Gabi são razões suficientes para enfrentar qualquer desafio com coragem.

A meu avô Raimundão, que é a graxa da engrenagem que move nossa família, minha reverência. A tua força, teu caráter e tua capacidade de unir a família são exemplo para todos nós. Tu encarnas a essência do que significa ser um pilar, e a família que construístes é um reflexo do teu legado.

À minha avó Amélia, que não mediu esforços para ver seus netos formados, meu amor e agradecimento eterno. Avó, tua dedicação à nossa família é um testamento de tua grandeza. Teus sacrifícios e teu amor são valores que levo comigo em todos os momentos da minha vida.

Aos meus avós falecidos, Mané Rê e Maria Chica, que agora habitam o éter da memória, minha homenagem. Imagino a alegria que sentiriam em me ver concluir esta etapa, e sei que, de alguma forma, suas presenças permanecem vivas em mim, iluminando meu caminho com suas bênçãos e inspirações.

Aos meus amigos da faculdade, Natan, Samuel, Sena e Ayla, meu agradecimento caloroso. Vocês tornaram este percurso mais leve, mais divertido e infinitamente mais significativo. A amizade de vocês foi como um refúgio, um porto seguro onde pude encontrar risos e solidariedade em meio às pressões acadêmicas.

Aos amigos do Socorro, Pedro, Erik, Vitor, Henrique, Paulim e Alvim, minha gratidão profunda. Vocês são os espelhos que me fazem querer ser uma pessoa melhor. Cada conversa, cada momento compartilhado, cada palavra de incentivo é um tesouro que levo comigo e que ajudou a moldar quem sou.

A todos vocês, dedico esta conquista com o coração cheio de gratidão e respeito. Sem o amor, o apoio e a presença de cada um, este momento não seria possível. Este trabalho é, em última instância, uma colagem de todos os gestos de bondade, incentivo e amizade que recebi ao longo desta caminhada. Que cada um de vocês sinta-se parte desta história, pois ela é, verdadeiramente, nossa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a formação e a trajetória do Clube Bahia de Socorro, no Maranhão, por meio da metodologia da História Oral, destacando sua relevância enquanto símbolo de identidade, coesão social e patrimônio cultural para a comunidade local. A pesquisa analisa como o clube, fundado na década de 1980 por um grupo de apaixonados pelo futebol, tornou-se um importante espaço de sociabilidade e expressão cultural, influenciando diretamente as relações sociais e a vida cotidiana de Socorro. Através dos relatos orais de ex-jogadores, torcedores e líderes comunitários, foi possível compreender o papel do Bahia não apenas como uma equipe esportiva, mas como um agente de transformação social, reunindo diferentes gerações e promovendo a inclusão. A metodologia de História Oral permitiu resgatar as memórias daqueles que vivenciaram os momentos mais marcantes do clube, proporcionando uma visão mais rica e detalhada sobre a sua importância para a cidade. O estudo também revelou como o futebol, para além da competição esportiva, atua como um mecanismo de fortalecimento da identidade local, promovendo vínculos de amizade, respeito e solidariedade entre os membros da comunidade. Em última análise, a pesquisa reafirma o Clube Bahia de Socorro como um patrimônio imaterial que reflete as dinâmicas socioculturais da cidade e evidencia o impacto duradouro do esporte na construção de uma memória coletiva e na formação da identidade de um povoado.

Palavras-Chave: História Oral, Identidade cultural, Bahia do Socorro, Socorro

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Maria Paulina, primeira habitante de socorro	17
Figura 2 Povoado Socorro durante a década de 80	18
Figura 3 Povoado Socorro durante a década de 80	18
Figura 4 Faxada de eletrificação do Povoado Socorro	19
Figura 5 Prefeito Elias Araujo	19
Figura 6 Socorro atualmente (2023)	20
Figura 7 Adão Pereira (1997).....	21
Figura 8 Flamengo do Socorro 1976	23
Figura 9 Abertura do campeonato Elias Araujo 1987	25
Figura 10 Martinho, Geraldo e Claudionor em jogo festivo 2015.....	26
Figura 11 Ultima formação oficial do Bahia do Socorro 2016	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: MEMÓRIA, IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA ORAL.....	9
2.1 CONCEITOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: DEFINIÇÕES E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS.....	9
2.2 HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA: FUNDAMENTOS, APLICAÇÃO E RELEVÂNCIA NA PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS LOCAIS.....	12
2.3 A RELAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES LOCAIS E A FORMAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA: O PAPEL DO ESPORTE COMO AGENTE CULTURAL.....	15
3. O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DE SOCORRO-MA.....	17
3.1 BREVE HISTÓRICO DO POVOADO DE SOCORRO E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS CULTURAIS.....	17
3. 2. ADÃO PEREIRA E O CLUBE BAHIA DO SOCORRO: CONTEXTO HISTÓRICO E RELEVÂNCIA COMUNITÁRIA.....	20
4. O CLUBE BAHIA DOSOCORRO: MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6. REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

A memória e a identidade cultural constituem pilares fundamentais para a compreensão das relações sociais e para a formação de comunidades. Enquanto a memória se apresenta como uma construção coletiva, estruturada a partir das experiências e acontecimentos significativos que marcam a trajetória de um grupo, a identidade cultural emerge como o reflexo dessas memórias compartilhadas, sendo essencial para a coesão social e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Em contextos marcados pela proximidade comunitária, como no povoado de Socorro, no interior do Maranhão, instituições locais desempenham um papel indispensável na preservação dessas memórias e na construção de uma identidade cultural comum que resista às pressões externas e às transformações impostas pelo tempo.

No entanto, a construção e a manutenção da identidade cultural enfrentam desafios expressivos. A ausência de registros históricos sistematizados, o impacto avassalador da globalização e a desvalorização das manifestações culturais locais ameaçam a continuidade de tradições e a conexão com o passado. Diante desse cenário, instituições como clubes esportivos têm se destacado como agentes de resistência cultural, funcionando não apenas como espaços de lazer e entretenimento, mas também como guardiões de valores, tradições e histórias que alicerçam a memória coletiva. O Clube Bahia do Socorro, nesse contexto, vai além de sua função esportiva ao se configurar como um símbolo de identidade e união para a comunidade socorrense, encapsulando as aspirações, os desafios e as celebrações dessa população.

Este trabalho parte do pressuposto de que o esporte, enquanto manifestação cultural, possui um potencial singular de transformar e fortalecer a identidade de comunidades locais. Ao investigar o papel do Clube Bahia do Socorro na construção da identidade cultural socorrense, busca-se compreender como as memórias coletivas associadas a essa instituição esportiva refletem valores, tradições e desafios históricos, promovendo um sentimento de pertencimento e continuidade cultural. O clube não é apenas uma organização esportiva, mas um espaço simbólico onde memórias se encontram e se renovam, moldando a percepção de comunidade e criando um elo vital entre o passado e o presente.

A metodologia adotada nesta pesquisa combina uma revisão bibliográfica abrangente sobre os conceitos de memória, identidade cultural e o impacto do esporte

em contextos locais, com a aplicação da história oral como ferramenta para capturar as narrativas dos próprios protagonistas dessa história. Depoimentos de moradores, ex-jogadores e dirigentes do clube permitirão a construção de uma análise rica e profunda, conectando vivências práticas a teorias acadêmicas. Essa abordagem possibilitará uma compreensão crítica do papel do esporte na memória coletiva e na formação identitária, iluminando os desafios e potencialidades envolvidos na preservação da história local.

O objetivo central deste trabalho é oferecer uma análise abrangente e crítica do impacto cultural e social do Clube Bahia do Socorro, evidenciando como a memória coletiva associada ao clube pode ser mobilizada para fortalecer a identidade cultural e promover a valorização da história local. Além disso, pretende-se discutir os principais desafios enfrentados pela instituição e sugerir caminhos para a preservação e disseminação de suas contribuições culturais e sociais. Ao fazer isso, busca-se não apenas compreender a relevância do esporte em contextos locais, mas também propor estratégias práticas que contribuam para a educação e a preservação das identidades culturais em comunidades similares.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: MEMÓRIA, IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA ORAL

2.1 Conceitos de memória e identidade cultural: definições e contribuições teóricas.

A memória e a identidade cultural são conceitos fundamentais para compreender a dinâmica das relações sociais e a formação de comunidades. A memória, entendida como uma construção coletiva, vai além do simples registro de fatos históricos; ela envolve a seleção, interpretação e perpetuação de vivências compartilhadas, funcionando como uma ponte entre o passado, o presente e o futuro. Maurice Halbwachs, pioneiro nos estudos sobre memória coletiva, argumenta que a memória não é um fenômeno individual isolado, mas se forma e se mantém em interação com os grupos sociais aos quais o indivíduo pertence (HALBWACHS, 1990).

“Certo, a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.” (HALBWACHS, 1990, p.14)

A identidade cultural está intrinsecamente ligada à memória, pois é por meio dela que os indivíduos e comunidades constroem um senso de pertencimento, reconhecendo valores, tradições e símbolos que os diferenciam e os conectam a um legado comum. Stuart Hall contribui para esse debate ao destacar que a identidade cultural não é fixa ou estática, mas está em constante construção e reconstrução, moldada por fatores históricos, políticos e sociais (HALL, 1997).

"Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia." (HALL, 1997, p. 13).

No contexto das comunidades locais, esses conceitos assumem ainda maior relevância, uma vez que são as narrativas e práticas culturais que sustentam a coesão social e permitem a preservação de histórias e tradições. Instituições como clubes esportivos, grupos religiosos ou culturais desempenham um papel crucial nesse processo, atuando como guardiões e transmissores de memórias que ajudam a fortalecer a identidade de um grupo. Dessa forma, a articulação entre memória e identidade cultural não apenas preserva o passado, mas também orienta a maneira como os indivíduos e as comunidades se projetam no futuro, reafirmando seu lugar no tecido social.

As instituições sociais, como clubes esportivos e grupos religiosos, desempenham um papel crucial nesse processo. Elas funcionam como guardiãs de memórias coletivas e facilitadoras da transmissão de saberes e valores que fortalecem a identidade de um grupo. Essa dinâmica é corroborada por Assmann (2013), que diferencia entre memória comunicativa e memória cultural, ressaltando que a primeira está ligada à oralidade e à vida cotidiana, enquanto a segunda se refere a recordações institucionalizadas que são transmitidas ao longo das gerações. Além disso, os lugares de memória, conforme discutido por Nora (1993), atuam como âncoras

tangíveis da identidade cultural. Eles preservam as histórias e tradições que moldam o sentido de pertencimento dos indivíduos a suas comunidades.

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar alas, porque essas operações não são naturais. E por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva.” (Nora, 1993, p. 13)

A memória coletiva, portanto, não é um mero repositório do passado; é um elemento dinâmico que se adapta às transformações sociais e culturais, fornecendo um senso de continuidade que orienta o futuro das comunidades.

"Uma nação é uma comunidade política imaginada – e imaginada como limitada e soberana. É imaginada porque os membros, mesmo da menor das nações, nunca conhecerão a maioria dos seus conterrâneos, nunca os encontrarão ou ouvirão a respeito; ainda assim, na mente de cada um, vive a imagem da sua comunhão. A nação é limitada porque, mesmo que se estenda por grandes áreas geográficas, possui fronteiras definidas e não se imagina como uma extensão única da humanidade. É soberana porque o nacionalismo surgiu em um momento em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade dos reinos dinásticos e de ordem divina" (ANDERSON, 1983).

Quando pensamos em uma comunidade como uma "comunidade imaginada", conforme sugere Benedict Anderson, três pilares se destacam: as memórias compartilhadas do passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação de uma herança comum. Esses elementos não apenas fornecem um senso de unidade, mas também garantem a reprodução de uma identidade coletiva que transcende gerações. A memória coletiva, nesse contexto, não é apenas um reflexo do passado, mas também uma ferramenta poderosa para projetar o futuro. Ela guia as comunidades em sua busca por significado e pertencimento, reafirmando seu lugar dentro do tecido social mais amplo.

Portanto, compreender a relação entre memória e identidade é essencial para explorar como as comunidades se adaptam às mudanças ao mesmo tempo em que preservam seu senso de continuidade histórica. A memória coletiva, além de ser um meio de conexão com o passado, atua como um farol para o futuro, orientando as decisões que moldam o destino de uma comunidade. Por meio dela, as histórias de resistência, celebração e transformação são transmitidas, fortalecendo os laços sociais e culturais que sustentam a identidade de grupos locais e nacionais.

2. 2 História oral como metodologia: fundamentos, aplicação e relevância na preservação de memórias locais.

A história oral emerge como uma metodologia fundamental para a pesquisa histórica, especialmente em contextos onde as fontes documentais são escassas ou insuficientes para capturar a complexidade das experiências humanas. Baseada no registro e análise de relatos verbais de indivíduos que vivenciaram ou testemunharam eventos históricos, essa abordagem é valorizada por sua capacidade de democratizar o conhecimento histórico.

“Embora, existam críticas a respeito desta metodologia porque é carregada de subjetividade, isso não invalida o reconhecimento de que as fontes orais, muitas vezes, são únicas formas de registro e estudo de Realidades tão específicas e particulares com as quais o pesquisador pode se deparar. Com a pesquisa qualitativa, que se reporta à fonte oral para buscar o significado das vivências, experiências pessoais, familiares, profissionais, comunitárias e sociais dos indivíduos, é possível aprofundar o conhecimento da realidade a partir da concepção que o pesquisado lhe atribui permitindo também que não seja necessário escolher um grande número de sujeitos e ainda compor o universo de pesquisa intencionalmente com aqueles sujeitos que melhor contribuirão para o alcance dos objetivos do estudo” (BRISOLA, MARCONDES, 2016, p. 18)

Paul Thompson (1998), em sua obra seminal *The Voice of the Past*, enfatiza que a história oral incorpora vozes marginalizadas, permitindo que perspectivas antes negligenciadas ou excluídas dos registros oficiais se tornem parte do discurso histórico. Essa inclusão não apenas enriquece as narrativas históricas, mas também promove a valorização de identidades e culturas locais.

O processo metodológico da história oral envolve várias etapas críticas que asseguram sua validade como ferramenta de pesquisa. Desde a preparação do

entrevistador e a seleção criteriosa dos participantes até a realização de entrevistas estruturadas ou semiestruturadas, transcrição e análise cuidadosa dos dados, a metodologia exige um rigor técnico e ético significativo (BRISOLA; MARCONDES, 2011). A subjetividade, frequentemente apontada como uma crítica à história oral, é, na verdade, uma de suas maiores forças, pois permite que os significados atribuídos aos eventos pelos entrevistados sejam explorados. Assim, a história oral não apenas registra fatos, mas também investiga as interpretações e emoções que os acompanham, ampliando a compreensão das conexões entre memória, identidade e cultura.

Em comunidades locais, como a do Clube Bahia do Socorro, no Maranhão, a história oral desempenha um papel crucial na preservação das memórias e identidades culturais. As narrativas de ex-jogadores, torcedores e líderes comunitários são carregadas de significados que transcendem os eventos esportivos, refletindo questões sociais, econômicas e políticas mais amplas. Por meio dessas vozes, é possível acessar camadas da história local que os registros escritos muitas vezes negligenciam. Conforme destaca Brisola e Marcondes (2011), a abordagem qualitativa e intencional da história oral é especialmente eficaz em comunidades onde os relatos pessoais e as experiências compartilhadas são elementos centrais para a compreensão do passado.

Apesar de suas contribuições, a história oral enfrenta desafios metodológicos e éticos, como a necessidade de contextualizar as narrativas e lidar com a natureza subjetiva da memória. No entanto, esses desafios não diminuem sua relevância. Pelo contrário, destacam a importância do rigor acadêmico e do compromisso ético na aplicação da metodologia. A subjetividade, longe de ser um problema, é o que torna a história oral uma ferramenta única para capturar a complexidade da experiência humana. Em contextos locais, como no caso do Bahia do Socorro, a história oral permite que memórias anteriormente silenciadas sejam registradas e valorizadas, garantindo que as histórias dessa comunidade sejam preservadas para as gerações futuras.

A história oral reafirma sua relevância não apenas como metodologia de pesquisa, mas também como uma prática de resistência cultural. Ao dar voz às experiências individuais e comunitárias, ela contribui para a formação de uma memória coletiva mais rica, inclusiva e dinâmica. Essa abordagem torna-se especialmente poderosa em contextos locais, onde as tradições orais e as

experiências compartilhadas desempenham um papel essencial na definição da identidade cultural. Portanto, a história oral é indispensável para pesquisadores comprometidos com a construção de narrativas históricas que reflitam a diversidade e a complexidade das experiências humanas.

História oral é uma metodologia de pesquisa que se baseia no registro e na análise de relatos verbais de indivíduos que vivenciaram ou testemunharam eventos, processos ou contextos históricos específicos. Essa abordagem, consolidada como uma ferramenta de resgate da memória coletiva, valoriza a experiência humana como fonte primária para a construção de narrativas históricas, especialmente aquelas frequentemente negligenciadas pelos registros oficiais. Paul Thompson (1998) destaca que a história oral democratiza a produção do conhecimento histórico ao incorporar vozes de grupos marginalizados ou pouco representados.

"A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Ela transforma os 'objetos' de estudo em 'sujeitos', permitindo que as vozes das pessoas comuns sejam ouvidas e reconhecidas na narrativa histórica. Essa abordagem não apenas democratiza a produção do conhecimento histórico, mas também desafia os mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. A história oral propõe uma nova forma de entender o passado, onde as experiências individuais e coletivas são valorizadas, e onde a subjetividade não é vista como um obstáculo, mas como uma riqueza que enriquece a compreensão das realidades sociais" (THOMPSON, 1992, p. 137).

Ao captar memórias subjetivas, a história oral não apenas preenche lacunas documentais, mas também oferece perspectivas plurais e dinâmicas sobre o passado, reconhecendo a importância das interpretações individuais e dos contextos sociais que moldam essas narrativas. A metodologia envolve etapas como a preparação do entrevistador, a seleção criteriosa dos participantes, a realização de entrevistas estruturadas ou semiestruturadas e a transcrição e análise cuidadosa do material coletado (ALVES, 2016). Além disso, essa abordagem não se limita ao registro de fatos; ela explora também os significados atribuídos pelos sujeitos aos eventos, tornando-se uma ferramenta valiosa para compreender as conexões entre memória, identidade e cultura. Ao integrar memórias individuais em um quadro mais amplo de análise, essa metodologia contribui para a valorização das histórias locais e a construção de identidades coletivas. Em um mundo marcado por transformações rápidas e pela ameaça de apagamento de memórias culturais, a história oral emerge

como uma ferramenta indispensável para preservar o patrimônio imaterial e promover uma visão mais inclusiva e pluralista do passado.

2. 3. A relação entre instituições locais e a formação da memória coletiva: o papel do esporte como agente cultural.

A relação entre instituições locais e a formação da memória coletiva é um processo dinâmico e interdependente, no qual organizações como clubes esportivos desempenham um papel central como agentes culturais. As instituições locais, enraizadas no cotidiano das comunidades, atuam como espaços de interação social e preservação de tradições, sendo essenciais para a consolidação de valores, práticas e narrativas que compõem a identidade coletiva. O esporte, nesse contexto, transcende sua função recreativa e assume uma dimensão cultural ao promover a coesão social, reforçar sentimentos de pertencimento e perpetuar memórias que conectam diferentes gerações. Pierre Bourdieu (1984) destaca que o esporte pode ser compreendido como um campo de práticas simbólicas, onde os significados culturais e identitários são construídos e negociados.

"As práticas podem ser entendidas como resultado das disposições incorporadas pelo habitus, articuladas com as condições objetivas do campo social. É nesse espaço que os agentes sociais participam de lutas simbólicas para definir significados e posições sociais." (BOURDIEU, 1984, p.87)

A memória coletiva, conforme Olga Von Simson (2003), é mais do que um simples repositório de lembranças compartilhadas; ela representa um processo dinâmico e contínuo de construção identitária. Nesse sentido, as instituições locais, particularmente os clubes esportivos, desempenham um papel central na preservação e reforço dessas memórias ao atuarem como símbolos de identidade e resistência cultural. Clubes como o Bahia do Socorro, em Socorro, Maranhão, exemplificam a maneira como o esporte transcende sua função recreativa para se tornar um elemento essencial na articulação de narrativas que conectam os indivíduos ao seu passado comum, consolidando a memória coletiva da comunidade.

Esses clubes esportivos locais emergem como "lugares de memória", conceito desenvolvido por Pierre Nora (1993), que os define como espaços onde a memória se ancora, seja através de eventos históricos, práticas culturais ou tradições coletivas.

No caso do Bahia do Socorro, competições esportivas e celebrações comunitárias não apenas reforçam laços sociais, mas também criam narrativas que perpetuam histórias e valores locais. Esses espaços, físicos ou simbólicos, oferecem à comunidade a oportunidade de revisitar seu passado, reinterpretar suas tradições e fortalecer sua identidade cultural.

Contudo, os desafios impostos pela modernidade, como a globalização e a desvalorização de manifestações culturais locais, ameaçam a preservação desses espaços e práticas. Segundo Von Simson (2003), a perda de "lugares de memória" enfraquece a coesão social e dificulta a transmissão de memórias às futuras gerações.

"Os lugares de memória são fundamentais na construção da memória coletiva, pois expressam a versão consolidada de um passado que é compartilhado por uma sociedade. Eles se manifestam através de memoriais, monumentos, hinos oficiais e outras formas culturais que representam a história de uma comunidade. A perda desses lugares não é apenas uma questão de patrimônio material; ela implica uma erosão da coesão social, dificultando a transmissão das memórias às futuras gerações" (VON SIMSON, 2003, p.65).

A crescente homogeneização cultural e a redução de espaços comunitários destinados ao esporte ilustram a urgência de políticas públicas e iniciativas locais voltadas para a documentação, preservação e valorização dessas práticas. Nesse contexto, clubes esportivos como o Bahia do Socorro desempenham um papel crucial, não apenas ao preservar as memórias da comunidade, mas também ao servir como um catalisador para o fortalecimento das identidades culturais.

O esporte, ao mediar a relação entre memória coletiva e identidade, transcende sua dimensão física. Ele se torna uma ferramenta para a ressignificação histórica e cultural, promovendo a coesão social e a valorização de práticas locais. No caso do Bahia do Socorro, os relatos orais de ex-jogadores, torcedores e líderes comunitários evidenciam a importância desse clube na construção de uma identidade coletiva robusta, que se mantém viva através das histórias compartilhadas. Essas narrativas individuais, somadas, formam um mosaico que resgata o passado, conecta o presente e inspira o futuro da comunidade.

Assim, a relação entre as instituições locais e a formação da memória coletiva revela a relevância do esporte como um agente cultural fundamental. Por meio dele, comunidades como Socorro encontram uma forma de celebrar suas raízes, resistir às pressões externas e preservar a riqueza de suas histórias. Reconhecer e valorizar

esse papel é essencial para que as memórias coletivas sejam não apenas protegidas, mas também reanimadas, garantindo que continuem a moldar e enriquecer as identidades culturais no decorrer das gerações.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DE SOCORRO-MA

3. 1. Breve histórico do povoado de Socorro e suas principais características culturais.

O povoado de Socorro, localizado no Maranhão, é um espaço profundamente marcado por uma rica história e tradições culturais que refletem a essência de sua formação social e econômica. A ocupação inicial do local remonta a 1912, quando Maria Paulina (FIGURA 1), vinda do estado do Piauí, estabeleceu-se na área, ainda caracterizada por matas densas e ausência de infraestrutura.



Figura 1 Maria Paulina, primeira habitante de socorro

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

A construção da primeira residência, em uma região então conhecida como Bacupari devido à abundância da planta homônima, marcou o início do povoado. Nos anos seguintes, outras famílias, como a de Zezin Vieira, contribuíram para o crescimento da comunidade, trazendo consigo novas dinâmicas sociais e

econômicas. O nome Socorro foi adotado em 1948, por iniciativa de Zezin Vieira, em homenagem à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, reafirmando a influência religiosa no desenvolvimento local.

“Aí quando foi em 1948, o padre Adesso fez celebrar a primeira missa aqui, em 1948. E aí ele trouxe uma santa, né? Hoje ela não existe lá na igreja, que ele trouxe um quadro assim e tal. Em 1948, aí ele pediu, como ele era devoto da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, aí ele pediu pro padre, na celebração, pro padre mudar o nome de Bacupari para o socorro. Aí o padre, celebrando, porque naquela época a palavra do padre valia muito, né? Aí o padre disse, olha gente, a partir de hoje esse povoado vai ser chamado de socorro, em homenagem à santa da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.” (GONÇALVES, 2024).



Figura 3 Povoado Socorro durante a década de 70

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves



Figura 2 Povoado Socorro durante a década de 70

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

Ao longo de sua história, o povoado se destacou por sua forte conexão com as manifestações culturais e religiosas. Festas tradicionais, como o Reisado e as celebrações do Divino, moldaram a identidade da comunidade, reforçando laços sociais e transmitindo valores coletivos. O Reisado, celebrado entre dezembro e janeiro, era uma demonstração vibrante de devoção, música e dança, enquanto o Lindô, uma dança característica da Semana Santa, reunia pessoas em versos improvisados sob a luz da lua. Essas práticas, embora espontâneas e festivas, revelam um profundo enraizamento na oralidade, sendo memórias vivas do passado que ainda ressoam na contemporaneidade por meio de narrativas e músicas locais.

Do ponto de vista econômico, Socorro teve uma evolução gradual, saindo de uma subsistência baseada na agricultura e no artesanato para um cenário mais diversificado. Durante boa parte do século XX, a economia girava em torno do cultivo de algodão e arroz, além da produção artesanal, como redes e utensílios domésticos, muitas vezes beneficiados de forma rudimentar pelas próprias famílias. A chegada da energia elétrica em 1985 (FIGURA 4) marcou um divisor de águas no desenvolvimento do povoado, proporcionando novas oportunidades econômicas e sociais. Esse evento foi celebrado com entusiasmo, evidenciando a resiliência e o espírito comunitário dos moradores, que, por décadas, superaram desafios como a escassez de água e a ausência de infraestrutura básica.



Figura 4 Faxada de eletrificação do Povoado Socorro

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves



Figura 5 Prefeito Elias Araujo

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

Hoje, Socorro preserva características únicas que dialogam com sua trajetória histórica. As narrativas orais, como as de Josimar Gonçalves, são testemunhos fundamentais para compreender o papel das memórias individuais e coletivas na construção da identidade local. Ao olhar para o passado, percebe-se que o povoado soube equilibrar a modernização com a valorização de suas tradições, criando um exemplo vivo de como a história oral pode revelar dimensões sutis e ricas da experiência humana em pequenas comunidades. Assim, a história de Socorro não é apenas sobre o tempo que passou, mas sobre a força de uma comunidade que continua a construir seu presente com base em um patrimônio cultural vibrante e significativo.

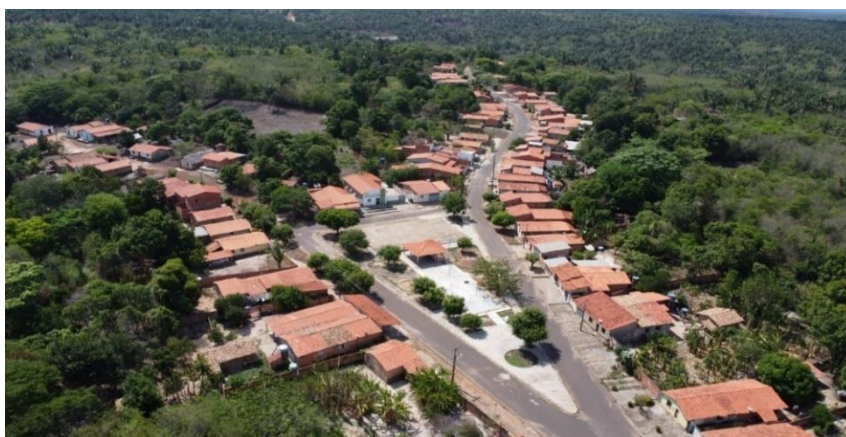


Figura 6 Socorro atualmente (2023)

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

3. 2. Adão Pereira e o Clube Bahia do Socorro: contexto histórico e relevância comunitária.

Adão Pereira de Freitas, um morador notável do povoado Socorro, no município de Governador Eugênio Barros, Maranhão, desempenhou um papel crucial na preservação das tradições culturais e esportivas de sua comunidade. Sua ligação com o Bahia Futebol Clube da Vila Socorro transcendeu a mera prática esportiva, funcionando como um eixo central de celebração, socialização e fortalecimento dos laços comunitários. Adão não apenas apoiava as competições futebolísticas, mas também as utilizava como oportunidade para promover eventos culturais, como festas e apresentações de quadrilhas, reforçando o caráter multifacetado dessas ocasiões.

“A vida de Adão foi um exemplo de resiliência e dedicação à cultura local. Ele acreditava firmemente que não existe obstáculo quando o interesse pela cultura é maior, enfatizando a importância da preservação cultural mesmo em condições limitadas. Durante o mês de junho, ele incentivava a participação da comunidade nas danças tradicionais, como as quadrilhas, fortalecendo a identidade cultural do povoado. Sua habilidade em unir pessoas através da cultura é evidente quando se afirma que ele "marcou sua época não somente comandando as quadrilhas, mas organizando festas após os campeonatos" (GONÇALVES, 2024)

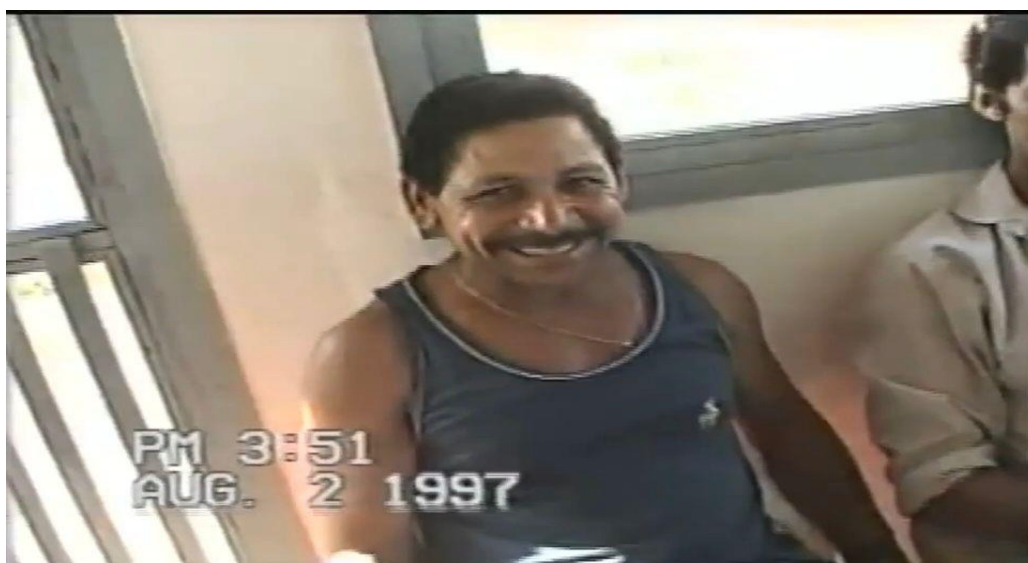


Figura 7 Adão Pereira (1997)

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

As atividades culturais e esportivas organizadas por Adão foram fundamentais para o fortalecimento da identidade local. No contexto do Bahia Futebol Clube, as celebrações promovidas por ele após os campeonatos não se limitavam à prática desportiva, mas eram acompanhadas por apresentações culturais que envolviam a comunidade como um todo, de crianças a adultos. Essas iniciativas conectavam o esporte ao fortalecimento da cultura popular, especialmente as danças típicas como as quadrilhas, que Adão comandava com entusiasmo. Seu trabalho era marcado por uma abordagem inclusiva, incentivando a participação de jovens e adultos e promovendo o intercâmbio cultural com comunidades vizinhas.

A relação de Adão Pereira com o Bahia Futebol Clube destaca-se também pela maneira como ele utilizava sua rede de contatos, construída ao longo dos anos em atividades como a venda de confecções, para garantir o sucesso dos eventos. Seu

empenho em obter transportes e autorizações junto às famílias demonstra um compromisso com a organização e a segurança das atividades, elementos que inspiravam confiança e contribuíam para a participação ativa da comunidade. Por meio dessas ações, Adão cultivou uma atmosfera de pertencimento e celebração, que se tornou um marco para o povoado Socorro.

Além disso, Adão Pereira consolidou-se como um agente cultural que unia tradição e modernidade. Ele utilizava os recursos disponíveis na época, como rádios e cartas para programas populares, para divulgar e convidar as comunidades vizinhas para os eventos do Bahia Futebol Clube. Esses métodos de comunicação refletiam sua habilidade em integrar ferramentas contemporâneas à manutenção e expansão das tradições locais.

“Adão também utilizava sua rede de contatos para garantir o sucesso dos eventos culturais. Ele ia "de casa em casa" para obter apoio dos pais e organizar as festividades, demonstrando seu compromisso com a segurança e a organização das atividades comunitárias. Além disso, sua capacidade de integrar tradições com métodos contemporâneos é notável; ele usava rádios e cartas para convidar as comunidades vizinhas para os eventos do Bahia Futebol Clube” (GONÇALVES, 2024).

As festas e competições organizadas com seu esforço eram amplamente aguardadas, promovendo não apenas o esporte e a cultura, mas também o turismo e a economia locais. Adão Pereira simboliza a interseção entre o esporte, a cultura e a vida comunitária no povoado Socorro. Sua atuação junto ao Bahia Futebol Clube e sua dedicação à valorização das tradições culturais criaram um legado que ressoa na memória coletiva da região. Ele não apenas promoveu eventos, mas deixou uma herança de unidade e celebração que permanece viva, inspirando futuras gerações a valorizar e cultivar suas raízes culturais e esportivas.

A influência de Adão Pereira se estendeu além do esporte; ele simboliza a interseção entre cultura e vida comunitária no povoado Socorro. Sua dedicação à valorização das tradições culturais criou um legado que ressoa na memória coletiva da região. Como mencionado na biografia, "o amor que você espalhou pelo mundo está eternizado assim como a saudade que mora para sempre em nossos corações" (GONÇALVES, 2024).

4 O CLUBE BAHIA DO SOCORRO: MEMÓRIAS E IDENTIDADE.

A formação do Clube Bahia de Socorro está intrinsecamente ligada à dinâmica social e esportiva do município de Socorro, no Maranhão. O clube surgiu em um contexto onde o futebol começava a se consolidar como um dos principais meios de lazer e identidade cultural nas pequenas cidades brasileiras. Durante a década de 1980, a cidade vivia um período de transformação, e a prática esportiva, especialmente o futebol, ganhou notoriedade entre os jovens locais. Nesse cenário, um grupo de apaixonados pelo esporte, liderado por figuras importantes da comunidade, como Adão Pereira e Zé de Ouro, se reuniu com o intuito de fundar um time que representasse a cidade e proporcionasse aos jovens uma alternativa saudável e envolvente de expressão. A formação do clube, portanto, não foi apenas o nascimento de uma equipe de futebol, mas a construção de um espaço de sociabilidade e fortalecimento dos laços comunitários, onde os valores de amizade, respeito e trabalho em equipe foram constantemente cultivados.

“Aí nós fomos crescendo fomos crescendo eu, compadre Luizinho, Zé Meranda, ali, Pedro Moisés, aí capinamos esse campo ,a ‘marva’ tava com dois metros de altura ou mais, aí, compramos uma bola daquelas bola de borracha grande assim era até branca,maneirinha, né, aquelas bola aí inventamos um time, ‘bola branca’ que a bola era branca aí começamos jogar inventamos um time lá na Trizidela, jogava contra esse outro de cá aí começamos a jogar até que mesmo aí fizemos um time aí botamos o nome de ‘Flamengo’. eu fui Presidente cinco anos do Flamengo nós tinha história fama aqui em redor dessa região aqui a trinta légua nós tinha fama” (ZEQUINHA, 2016)



Figura 8 Flamengo do Socorro 1976

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

O Clube Bahia de Socorro, ao longo de sua trajetória, consolidou-se como um ícone esportivo regional, destacando-se no cenário local e alcançando feitos históricos em campeonatos municipais e competições regionais.

“Eu era treinador e nessa maratona de jogos fomos ‘campeão’ invicto chegamos até quarenta e quatro partidas invicto, que não é fácil para qualquer time chegar numa marca dessa. eu quero falar um pouco sobre a estreia do Marquene no Bahia, o melhor incentivador dele era o Paulão, sempre ele dizia rapaz ‘vamos botar o Marquene para jogar’, rapaz tudo tem que ser a hora certa né, aí ele contratou um jogo aí no ‘Pé do Morro’ com o primo dele jogar com o Flamenguinho, nesse jogo nós ganhamos jogos de dez a um, só o Paulão fez seis gol no Marquene no segundo tempo ele fez três gol e um gol do Doutor. então foi um placar muit elás ganamos lá dentro do Pé do Morro de dez a um.” (Claudionor, 2016)

A fundação do clube e suas primeiras partidas tiveram um impacto significativo na juventude da cidade, que passou a se identificar com o time e valorizar a prática esportiva. Além disso, o Bahia de Socorro tornou-se um símbolo de união e resistência para os moradores, que encontraram no time uma maneira de exprimir suas identidades e aspirações, observamos no trecho do documentario “Festa do Bahia”

“foi uma passagem não muito curta, mas vinte anos de futebol de Bahia eu tive, em noventa e um especificamente no Bahia noventa e um e joguei até dois mil e oito, tive momento bom tive momento ruim no futebol como é muito normal para para todo o pessoal que joga, principalmente a gente aqui que onde dificuldade tem muita, mas tive, quero lembrar principalmente dos momentos bons aqui eu tive com os amigos onde eu fiz muitas amizades grandes amizades inclusive, ganhei títulos... perdi também.” (Nilton, 2016)

A dedicação e o espírito coletivo eram visíveis nos jogos, onde não era apenas a vitória que importava, mas o esforço e a paixão colocados em cada lance.

“Antônio Paé, ele era ‘crediário’, passando pela beira do rio, ele passando lá no centro do Canuto aí o Canuto disse mas, “rapaz time é bom time do Bahia é bom rapaz, ganhou do time do Naldino de 10 a 1” aí seu Paé falou: ‘não te disse que o time do Bahia é quase Imbatível, aqui não tem ‘parêa’ pra ele não’. aí ele foi contrataram uma partida aí nós ‘foi’ jogar, quando chegou lá estava com a seleção que não sabíamos nem da onde era tanto esses jogadores mas no primeiro tempo esse time partiu para cima de nós fizeram 4 a 0. aí a gente se reuniu, tava o pessoal redor do seu Paé, “cadê o time do Bahia de Socorro, time não presta não, primeiro tempo já tava de 4 a 0, quando terminar tá nos 8” nesse instante seu Paé arrancou um paco de dinheiro disse: ‘aposto no time do Bahia Do Socorro ainda e você que marca a distância, se quiser apostar acho 300, 20,0 vocês é quem manda, ainda dou o empate pra vocês’ as pessoas dizem: “esse velho tá ficando é louco” ele respondia, ‘é verdade!’ pegou o dinheiro ficou com o dinheiro na mão, aí eles lá fizeram uma vaquinha aí arrumaram só 50 reais, aí ele apostou 50. aí chegou lá onde nós, estava reunido segundo tempo aí ele falou, disse: ‘Adão Pereira rapaz apostei 50 reais em vocês!’”, ‘tá bom seu Antônio’ o Adão

Pereira falou disse “rapaz de vocês que tem alguém cansado”, ‘que cansado Adão, nós nunca jogamos’ que o time tinha preparo que não cansava, aí quando a gente foi saindo o Zé de Ouro falou, disse “olha eu quero todo jogador com coração botar o coração no bico da chuteira que para nós aqui vai ser uma decepção se nós perder esse jogo’ nós partimos para cima desse time quando foi com 30 do segundo tempo já tava 4 a 4, eu sei quando foi o final do jogo nós deu 6 a 5, aí pronto aí seu Antonio ‘fobou’, ‘fobou’ aí a gente veio pra cá, aqui pro socorro.” (CLAUDIONOR, 2016)

O ex-jogador destacou que "as celebrações promovidas pelo clube eram momentos de grande alegria e confraternização", evidenciando como essas interações sociais fortaleceram os laços entre os moradores (GONÇALVES, 2024).



Figura 9 Abertura do campeonato Elias Araujo 1987

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

A criação do clube também está profundamente conectada com as figuras de liderança que surgiram nesse período. Esses líderes, muitas vezes ex-jogadores ou técnicos, tornaram-se responsáveis não apenas pela formação do time, mas pela transmissão dos valores que este representava.

“alguns fatos né históricos desse time né começando daqueles os precursores do futebol socorrense né, é Mané Bidu, Zé Meranda, Adão Pereira, Zé de ouro, esses homens que alavancaram o futebol né do Socorro que nessa época deles não existia o Bahia mas existia outros times, o Flamengo e ali surgiram vários craques né, vi surgindo geração e geração e até que surgiu o Bahia né que um dos fundadores do Bahia foram foi o Adão Pereira foi o Claudionor e sempre esteve, é Geraldo também né teve também no comando desse time.” (André, 2016)



Figura 10 Martinho, Geraldo e Claudionor em jogo festivo 2015

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

Em seus relatos, os ex-jogadores frequentemente ressaltam como o Bahia era um símbolo de união, respeito e compromisso. Um dos participantes enfatizou que "o Bahia era um símbolo de união tanto dentro quanto fora dos campos", refletindo a solidariedade da cidade (GONÇALVES, 2024). Este aspecto social do clube é um ponto relevante a ser explorado em um estudo de História Oral, pois é por meio das memórias e testemunhos que se pode entender a verdadeira dimensão do impacto do Bahia na vida social e cultural de Socorro.

As memórias orais desempenham um papel fundamental na preservação da trajetória do Clube Bahia do Socorro. Os ex-jogadores compartilham suas vivências, relembrando momentos marcantes que transcendem o simples ato de jogar futebol. Um deles recorda com emoção a sua chegada ao clube e como as competições promoviam não apenas o esporte, mas também a união da comunidade. Assim, o clube se transforma em um espaço onde a cultura local é celebrada e perpetuada.

Além disso, o Clube Bahia do Socorro serve como um importante agente de inclusão social. Ao longo dos anos, ele acolheu jogadores de diferentes idades e origens, promovendo uma verdadeira intergeracionalidade dentro da comunidade. Um ex-jogador destaca que "jogar no Bahia foi uma experiência que me conectou com pessoas de várias gerações", enfatizando como essa diversidade contribuiu para a formação de uma identidade coletiva mais rica e plural (GONÇALVES, 2024).

“Lembrar dos grandes jogadores que jogaram também no Bahia, ajudaram a fundar como saudoso Zé de Ouro , Adão, saudoso Adão e pessoas que eu joguei, com até com duas geração eu joguei com as duas, tive esse privilégio e tô na ativa ainda, batendo minhas peladas e de vez em quando disputando uma um torneio, jogo e não vou parar agora não vou parar agora vou dar mais um tempo jogar mais um dois anos.” (Nilton, 2016)



Figura 11 Última formação oficial do Bahia do Socorro 2016

Fonte: Cedido por Josimar Gonçalves

Essa característica do clube reflete a dinâmica social do povoado Socorro, onde cada membro tem um papel significativo na construção da memória coletiva.

O impacto do clube vai além das vitórias em campo; ele representa um patrimônio cultural que deve ser valorizado e preservado. As festas organizadas em homenagem ao Bahia são momentos cruciais para reafirmar a identidade local e celebrar as conquistas passadas. Assim, o Clube Bahia do Socorro não apenas promove o esporte; ele é um catalisador para a preservação da cultura local e para a construção de um futuro que respeite as tradições comunitárias.

Portanto, a formação do Clube Bahia de Socorro é mais do que o relato de um time de futebol; ela reflete as dinâmicas socioculturais da cidade e a maneira como o esporte pode ser um agente de transformação e coesão social. A história do clube é, em muitos aspectos, a história de Socorro contada através de seus jogadores, torcedores e líderes. Como mencionado por um dos ex-jogadores: "o futebol é uma paixão nacional", sublinhando como essa paixão se entrelaça com a identidade do povoado (GONÇALVES, 2024). Assim, o Clube Bahia do Socorro se torna não apenas uma equipe esportiva, mas um símbolo da cidade e da sua gente, permanecendo viva

através das memórias daqueles que participaram ativamente de sua formação e sucesso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a formação e a trajetória do Clube Bahia de Socorro, um dos principais elementos culturais e sociais da cidade de Socorro, no Maranhão, por meio da metodologia da História Oral. O estudo revelou que o clube, mais do que uma equipe de futebol, representa um símbolo de união, resistência e identidade para a comunidade local. Ao longo de sua existência, o Bahia desempenhou um papel fundamental na formação de uma rede de sociabilidade entre os moradores, sendo o centro de encontros, celebrações e um espaço de expressão para várias gerações. A análise das memórias orais, provenientes de ex-jogadores, torcedores e líderes comunitários, permitiu compreender como o clube ajudou a moldar as relações sociais e culturais de Socorro, tornando-se um patrimônio imaterial de grande valor para a cidade.

Ao focar na História Oral, este trabalho se valeu de relatos que vão além da simples descrição de acontecimentos, permitindo uma imersão na subjetividade dos envolvidos. As histórias compartilhadas pelos participantes revelam não apenas a paixão pelo futebol, mas a importância do Clube Bahia como um meio de preservação cultural e expressão da identidade local. A oralidade foi um instrumento essencial para reconstruir a história do clube, oferecendo uma perspectiva rica e detalhada que muitas vezes não é registrada nas fontes escritas. A partir dessas memórias, pode-se perceber como o esporte se entrelaça com outros aspectos da vida comunitária, como o lazer, a inclusão social e o fortalecimento de vínculos afetivos entre as gerações.

O trabalho também ressaltou a importância das lideranças locais, como Adão Pereira e Zé de Ouro, que, além de fundadores do clube, desempenharam um papel crucial na organização e no fortalecimento do Bahia de Socorro. Esses líderes não apenas incentivaram a prática esportiva, mas também entenderam o futebol como uma ferramenta para a construção de uma comunidade mais unida e coesa. O depoimento dos ex-jogadores, que falam com emoção sobre os momentos vividos dentro e fora de campo, reforça a ideia de que o clube representou um espaço de resistência diante das dificuldades e adversidades que a cidade enfrentava. As vitórias esportivas, como o campeonato invicto, não foram apenas conquistas em termos de

resultados, mas também vitórias simbólicas para a autoestima e o pertencimento dos moradores de Socorro.

Por outro lado, este estudo também revelou a importância de se olhar para o futebol não apenas como um esporte, mas como um fenômeno cultural e social que atua como um elo entre as gerações e as diversas camadas sociais da comunidade. O Bahia de Socorro, ao longo dos anos, tornou-se um agente de inclusão, unindo jovens, adultos e idosos, e acolhendo jogadores de diferentes origens. Essa intergeracionalidade não só contribuiu para o fortalecimento da identidade coletiva, mas também para a formação de uma rede de amizades e respeito mútuo que ultrapassava as fronteiras do campo de jogo.

Em termos metodológicos, a História Oral se mostrou uma ferramenta indispensável para a compreensão de processos históricos que não são necessariamente documentados de maneira formal. A coleta e análise das memórias dos envolvidos permitiram uma reconstrução mais rica e complexa da história do clube, que, muitas vezes, fica à margem das narrativas tradicionais da história escrita. A partir dos relatos, foi possível perceber o impacto do Clube Bahia na construção da memória coletiva de Socorro, revelando como o esporte contribui para o fortalecimento da identidade de uma comunidade.

Em síntese, este trabalho contribui para o entendimento da importância do futebol no contexto social e cultural de pequenas cidades do Brasil, evidenciando o papel do esporte como um catalisador para a união e expressão das identidades locais. O Clube Bahia de Socorro, com sua história rica e envolvente, transcende os limites do campo esportivo, tornando-se um símbolo de resistência, pertencimento e memória para os moradores da cidade. As memórias compartilhadas por seus jogadores e torcedores confirmam que, muito mais do que um time de futebol, o Bahia é um verdadeiro patrimônio cultural de Socorro, que merece ser preservado e celebrado pelas futuras gerações.

6 REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Benedict. ***Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo***. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa**. In: Anais do Congresso Nacional de História Oral, 2016.

ASSMANN, Aleida. **Cultural Memory and Western Civilization: Functions, Media, Archives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BRISOLA, Elisa Maria Andrade; MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. **A história oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa: um foco a partir da análise por triangulação de métodos**. Revista Ciências Humanas - UNITAU, v. 4, n. 1, p. 124-136, jan.-jul. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1984.

GONÇALVES, Josimar. **Biografia de Adão Pereira de Freitas**. Canal do YouTube, Josimar Cineasta, 2 Julho. 2023

GONÇALVES, Josimar. **Entrevista sobre o Socorro**. Entrevistado por Breno Maceda, 17 de Novembro, 2024, Povoado Socorro.

GONÇALVES, Josimar. **Festa do Bahia**. Canal do YouTube, Josimar Cineasta, 11 Junho. 2016

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997

NORA, Pierre. **Entre la mémoire et l'histoire: La problématique des lieux**. In: Les Lieux de Mémoire. Paris: Gallimard, 1993.

THOMPSON, Paul. **The Voice of the Past: Oral History**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

VON SIMSON, Olga. **Memória coletiva: conceitos e implicações**. In: Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, p. 55-70, 2003.